

# CATEGORIAS GRAMATICAIIS PARA O ESTUDO DO GREGO DO NT: UMA PROPOSTA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

  Clacir Virmes Junior <sup>1,\*</sup>

## RESUMO

Um dos importantes passos exegéticos para a interpretação bíblica é a análise gramatical e sintática do texto. Conhecer, pelo menos instrumentalmente, como as línguas bíblicas funcionam nestes dois níveis é fundamental para que o resultado do processo exegético seja coerente com a intenção do autor canônico o máximo possível. Para o estudo do Novo Testamento (NT), várias ferramentas foram produzidas para auxiliar o estudioso a entender as estruturas gramaticais e sintáticas do material bíblico. Contudo, algumas barreiras podem dificultar o acesso do pesquisador lusófono a tais ferramentas, a saber: a barreira da língua (uma vez que majoritariamente estas ferramentas de auxílio exegético estão em inglês); e a barreira da nomenclatura (nomenclatura inglesa para descrever as categorias gramaticais da língua grega). Logo, o objetivo deste trabalho, foi propor uma equivalência das categorias gramaticais utilizadas no estudo do grego do NT para a língua portuguesa com o objetivo de ajudar os estudiosos lusófonos a acessarem estas ferramentas de maneira mais transparente.

**Palavras-chave:** Categorias Gramaticais, Grego do Novo Testamento, Nomenclatura Gramatical Brasileira.

## ABSTRACT

One of the important exegetical steps for biblical interpretation is the grammatical and syntactic analysis of the text. Knowing, at least instrumentally, how biblical languages function at these two levels is fundamental so that the result of the exegetical process is consistent with the canonical author's intention as much as possible. For the study of the New Testament (NT), several tools have been produced to help the scholar understand the grammatical and syntactic structures of the biblical material. However, some barriers can make it difficult for Portuguese-speaking researchers to access such tools, namely: the language barrier (since most of these exegetical aid tools are in English); and the nomenclature barrier (English nomenclature to describe the grammatical categories of the Greek language). Therefore, the objective of this work was to propose an equivalence of the grammatical categories used in the study of NT Greek to the Portuguese language with the aim of helping Portuguese-speaking scholars to access these tools in a more transparent way.

**Keywords:** Grammatical Categories, New Testament Greek, Brazilian Grammatical Nomenclature.

<sup>1</sup> Teólogo, Doutorando em Novo Testamento pela Andrews University, Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia.

**Submissão:** 07/2023

**Aceite:** 12/2023

**\*Autor correspondente:**

[clacir.junior@adventista.edu.br](mailto:clacir.junior@adventista.edu.br)

**Como citar**

VIRMES JUNIOR, C. Categorias gramaticais para o estudo do grego do NT: uma proposta para a língua portuguesa. *Praxis Teológica*, volume 19, Suplementar 1, e-1910, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2023v19nSuplementar1.e1910>.



## INTRODUÇÃO

Um dos importantes passos exegéticos para a interpretação bíblica é a análise gramatical e sintática do texto. Conhecer, pelo menos instrumentalmente, como as línguas bíblicas funcionam nestes dois níveis é fundamental para que o resultado do processo exegético seja coerente com a intenção do autor canônico o máximo possível. Para o estudo do Novo Testamento (NT), várias ferramentas foram produzidas para auxiliar o estudioso a entender as estruturas gramaticais e sintáticas do material bíblico. Contudo, duas barreiras podem dificultar o acesso do pesquisador lusófono a tais ferramentas. A primeira é a barreira da língua, uma vez que majoritariamente estas ferramentas de auxílio exegético estão em inglês. A segunda barreira é a nomenclatura. Estas ferramentas foram desenvolvidas na língua inglesa e, portanto, usam a nomenclatura inglesa para descrever as categorias gramaticais da língua grega. Ao mesmo tempo, essa nomenclatura está cheia de falsos cognatos, o que dificulta seu uso para muitos estudantes.

Junto com isso, a plataforma Bible Online Learner (BOL), desenvolvida para o ensino e estudo das línguas bíblicas, tem disponibilizado ferramentas em outros idiomas que não o inglês para que mais professores e estudantes ao redor do mundo possam utilizar suas potencialidades. Recentemente, um grupo de pesquisa liderado pelo Dr. Oliver Glanz, da Andrews University, está importando a base de dados do MACULA, projeto da Clear Bible, Inc, para fazer parte de suas ferramentas, incluindo sua anotação gramatical e sintática.

Logo, o objetivo do presente trabalho foi propor uma equivalência das categorias gramaticais utilizadas no estudo do grego do NT para a língua portuguesa com o objetivo de ajudar os estudiosos lusófonos a acessarem estas ferramentas de maneira mais transparente.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo metodológico, que propõem a produção e implementação de um produto tecnológico. Para este projeto, o percurso percorrido foi: primeiro, estudamos a base de dados do MACULA especialmente a partir da teoria linguística subjacente ao seu desenvolvimento. Segundo, analisamos a questão da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e justificamos nossa escolha de uma terminologia advinda deste documento, terminologia essa discutida e usada nas gramáticas normativas. Terceiro, propusemos uma interface entre a nomenclatura anglófona e a nomenclatura lusófona das categorias gramaticais, tendo como base o vocabulário utilizado no MACULA. Quarto, implementamos essa nomenclatura na plataforma BOL.

## RESULTADOS

Esta é a lista de termos utilizadas pelo MACULA e seu equivalente em português conforme as categorias gramaticais da NGB e as explicações dadas em gramáticas normativas da língua portuguesa. Não se trata aqui de mera tradução de termos. Nosso procedimento foi comparar essa

definição com aquelas dadas pelas gramáticas normativas da língua portuguesa para fornecer a melhor equivalência daqueles termos em português. Quando a equivalência foi relativamente transparente e há certo acordo geral entre as gramáticas normativas utilizadas para este estudo, apenas o termo equivalente foi fornecido. Em outros casos, uma breve discussão é esboçada nas notas de rodapé para justificar a escolha do termo equivalente. Além disso, como Wu e Tan (2009) se baseiam numa teoria linguística específica, alguns termos não têm equivalente na NGB. Em tais casos, além de prover uma tradução, discutimos brevemente porque tal rótulo linguístico foi escolhido.

Há cinco grandes tipos de categorias gramaticais no MACULA, o que corresponde à hierarquia estrutural subjacente ao modelo que eles usaram para construir sua base de dados gramático-sintática. Adotamos a mesma tipologia, mantendo a ordem alfabética em inglês. Como apresentado a seguir:

#### *Terminologia do Período e da Oração*

|                    |  |
|--------------------|--|
| Sentence           | = Período <sup>1</sup>                 |
| Clause (Verbal)    | = Oração (Verbal)                      |
| Verbless Clause    | = Oração de Elipse Verbal <sup>2</sup> |
| Verb Elided Clause | = Oração de Verbo Elidido <sup>3</sup> |
| Minor Clause       | = Frase <sup>4</sup>                   |

#### *Terminologia das Funções das Orações<sup>5</sup>*

Adverbial Function = Oração Subordinada Adverbial

<sup>1</sup> Na estrutura prevista por Wu e Tan (2009), “período” é a estrutura máxima do sentido, que pode ser constituída por uma ou mais das frase e orações da lista. Essa estrutura é mais próxima daquela proposta por Bechara (2015), mas cf. as discussões na n. 4.

<sup>2</sup> Cunha e Cintra (2016, p. 633-637) e Bechara (2015, p. 611) classificam a elipse como uma “figura de sintaxe”; Rocha Lima (2022, p. 606-607) a chama de “figura de construção”, o que, pelo contexto, é apenas outro nome para “figura de linguagem”, enquanto Almeida (2009, p. 476-477) a categoriza com uma “regência irregular”. Independente da classificação dada nas gramáticas, o fenômeno se refere a omissão de algum termo (substantivo, verbo, preposição etc.), sendo este subentendido pelo contexto. Optamos por denominar o fenômeno simplesmente por “oração de elipse verbal”, uma vez que, nesta seção, Wu e Tan (2009) lidam especificamente com orações.

<sup>3</sup> Essa categoria se parece com a “oração de elipse verbal” com uma diferença. Na oração de elipse verbal, o verbo é subentendido sem ter sido explicitamente mencionado; na oração de verbo elidido, o verbo é subentendido numa dada oração por ter aparecido anteriormente.

<sup>4</sup> Este é um dos temas nos quais as gramáticas diferem na nomenclatura. A NGB em nenhum momento define nem “frase” nem “oração” (BRASIL, 1959). Almeida (2009, p. 18) define a frase como “o elemento fundamental da linguagem” e que, quando ela afirmar ou negar algo, será chamada de “oração”. De maneira semelhante, para Rocha Lima (2022, p. 285-288), a oração é uma subcategoria da frase. “Frase”, para este autor, é “uma unidade verbal com *sentido completo*”. (LIMA, 2022, p. 285, grifo do autor). Numa discussão que sintetiza esses dois autores, Cunha e Cintra (2016, p. 133-136, grifo dos autores) chamam de “frase” o “enunciado de sentido completo” que pode conter “uma ou mais *orações*”; para eles, “*período* é a frase organizada em oração ou orações”. Por fim, Bechara (2015, p. 422-427, grifo do autor) diferencia frase e oração pela ausência ou presença do verbo, ou seja, “frase [...] não apresenta relação predicativa”, enquanto a “oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo*”. Optamos por usar a definição de Bechara, uma vez que ela melhor define a maneira como Wu e Tan (2009) usam a expressão *minor clause*.

<sup>5</sup> Para a maior parte dos casos, estas funções equivalem àquelas das diversas orações subordinadas na NGB e nas gramáticas normativas. Contudo, há alguns desvios desse padrão. No que se segue, tentamos manter a equivalência com as orações subordinadas o máximo possível; contudo, propomos equivalências para outras expressões com os termos mais próximos da NGB que pudemos encontrar.

|                          |  |
|--------------------------|--|
| Indirect Object Function | = Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta             |
| Object Function          | = Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta               |
| Second Object Function   | = Oração Subordinada Substantiva Objetiva Segunda <sup>6</sup> |
| Subject Function         | = Oração Subordinada Substantiva Subjetiva                     |
| Predicate Function       | = Oração Subordinada Substantiva Predicativa                   |
| Verbal Function          | = Oração   |
| Verbal Copula Function   | = Oração Copulativa  |

### *Terminologia das Locuções*<sup>7</sup>

|                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| Adjectival Phrase    | = Locução Adjetiva    |
| Adverbial Phrase     | = Locução Adverbial   |
| Nominal Phrase       | = Locução Nominal     |
| Numeral Phrase       | = Locução Numeral     |
| Prepositional Phrase | = Locução Prepositiva |
| Verbal Phrase        | = Locução Verbal      |

### *Terminologia dos Nós*<sup>8</sup>

|                      |                         |
|----------------------|-------------------------|
| Adjective            | = Adjetivo              |
| Adverb               | = Advérbio              |
| Conjunction          | = Conjunção             |
| Determiner (Article) | = Determinante (Artigo) |
| Interjection         | = Interjeição           |
| Noun                 | = Substantivo           |
| Numeral              | = Numeral               |
| Preposition          | = Preposição            |
| Particle             | = Partícula             |
| Pronoun              | = Pronome               |
| Verb                 | = Verbo                 |

<sup>6</sup> As gramáticas consultadas não documentam o fenômeno, comum em inglês e outras línguas, da bitransitividade, no qual o verbo transitivo tem dois objetos diretos.

<sup>7</sup> Como visto anteriormente (cf. n. 4), o termo “frase” ainda é disputado nas gramáticas normativas da língua portuguesa. Seu cognato em inglês, *phrase*, tem uma definição linguística mais definida. De acordo com Trask (2007, p. 218-219), o termo denota as partes menores que uma oração. Ela pode conter uma ou mais de uma palavra e sua classificação se dá pelo seu “núcleo” (*head*), a palavra que, em última instância, lhe confere a função dentro da oração. Optamos aqui por usar a expressão “locução” porque ela, linguisticamente, em português, significa “grupo de palavras que equivalem a uma só”. (AQUINO, 2010, p. 220). Deve-se sempre ter em mente que, em português, “locução” invariavelmente têm duas ou mais palavras, o que não é necessariamente o caso para a palavra *phrase* em inglês, mas aquela é o equivalente mais próximo desta.

<sup>8</sup> Na prática, a terminologia dos nós é a terminologia das classes de palavras. O termo “nós” (*nodes*) vem da teoria dos grafos, teoria matemática por detrás do modelo computacional utilizado pelo MACULA. Este é o nível em que todas as gramáticas normativas usadas aqui concordam entre si quanto à nomenclatura.

Esta proposta foi implementada no BOL. Todas as categorias gramaticais atualmente disponíveis na plataforma estão traduzidas para o português com a equivalência linguística correta entre os termos, conforme mostra a

Figura 1.

Figura 1 - Traduzindo o Módulo de Tipos de Oração no BOL.

**BibleOL**  
CLASSICAL LANGUAGES AROUND THE GLOBE

HOME TEXT AND EXERCISES MY DATA ADMINISTRATION USER ACCESS HELP LANGUAGE VARIANT

**Translate Grammar Terms**

Select the relevant text database (ETCBC4 and ETCBC4 translit are Hebrew, nestle1904 is Greek) and provide a translation of each grammatical term.

Target language: Portuguese  
Text database: nestle1904  
Name prefix: emdrostype.clause\_type\_t

| Symbolic name | Comment         | English         | Portuguese                                | Modified? |
|---------------|-----------------|-----------------|---|-----------|
| ADV           | Adverbial       | Adverbial       | Subordinada Adverbial                     | Revert    |
| CL            | Clause          | Clause          | Oração (Verbal)                           | Revert    |
| IO            | Indirect object | Indirect object | Subordinada Substantiva Objetiva Indireta | Revert    |
| O             | Object          | Object          | Subordinada Substantiva Objetiva Direta   | Revert    |
| O2            | Second object   | Second object   | Subordinada Substantiva Objetiva Segunda  | Revert    |
| P             | Predicate       | Predicate       | Subordinada Substantiva Predicativa       | Revert    |
| S             | Subject         | Subject         | Subordinada Substantiva Subjetiva         | Revert    |
| V             | Verbal          | Verbal          | Oração                                    | Revert    |
| VC            | Verbal copula   | Verbal copula   | Copulativa                                | Revert    |

Submit changes Revert all

Fonte: O autor.

## CONCLUSÕES

Neste resumo apresentamos uma proposta de interface entre a nomenclatura em inglês e a nomenclatura em português das categorias gramaticais, tendo como base o vocabulário utilizado pelo MACULA. Essa interface não se trata de mera tradução, mas de um estudo da sua equivalência em termos de conceitualização linguística. Essa nomenclatura foi implementada com sucesso na plataforma BOL, lembrando que há ainda outras características do MACULA que ainda não foram implementadas no BOL, mas se servirão deste estudo para sua disponibilização em língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- AQUINO, Renato. **Dicionário de gramática**: português prático e acessível: noções de linguística e filologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. Portaria nº 36. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura. 28 jan. 1959. Disponível em <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>. Acesso em 13 abr. 2023.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 60. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- TRASK, R. L. **Language and Linguistics: The Key Concepts**. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2007. (Routledge Key Guides).
- WU, Andi; TAN, Randall K. **Cascadia Syntax Graphs of the New Testament: Glossary**. Bellingham: Lexham Press, 2009.